

EGIDIO PICUCCI

Tradutor

Frei Florêncio Francesco Pecorari, OFMCap

FREI MICHELANGELO SERAFINI

Magnífico dom de Deus

Aracaju-SE

EDITORA
ArtNer

2025

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação e capa

Joselito Miranda

Fotos

Divulgação

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Picucci, Egídio.

P611f Frei Michelangelo Serafini: Magnífico dom de Deus. /Egídio Picucci.

- Aracaju: ArtNer, 2024.

70p.: il.

ISBN: 978-65-83131-14-0

(Tradução de: Frei Florêncio Francesco Pecorari)

- | | |
|---|---------------------|
| 1. Biografia – Frei Michelangelo Serafini | 2. Igreja São Judas |
| 3. Favores Celestiais- Frei Miguel | 4. Religião- Igreja |
| I – Título | |
| II- Pecorari, Florêncio Francesco | |

CDU: 929: 2 (813.7)

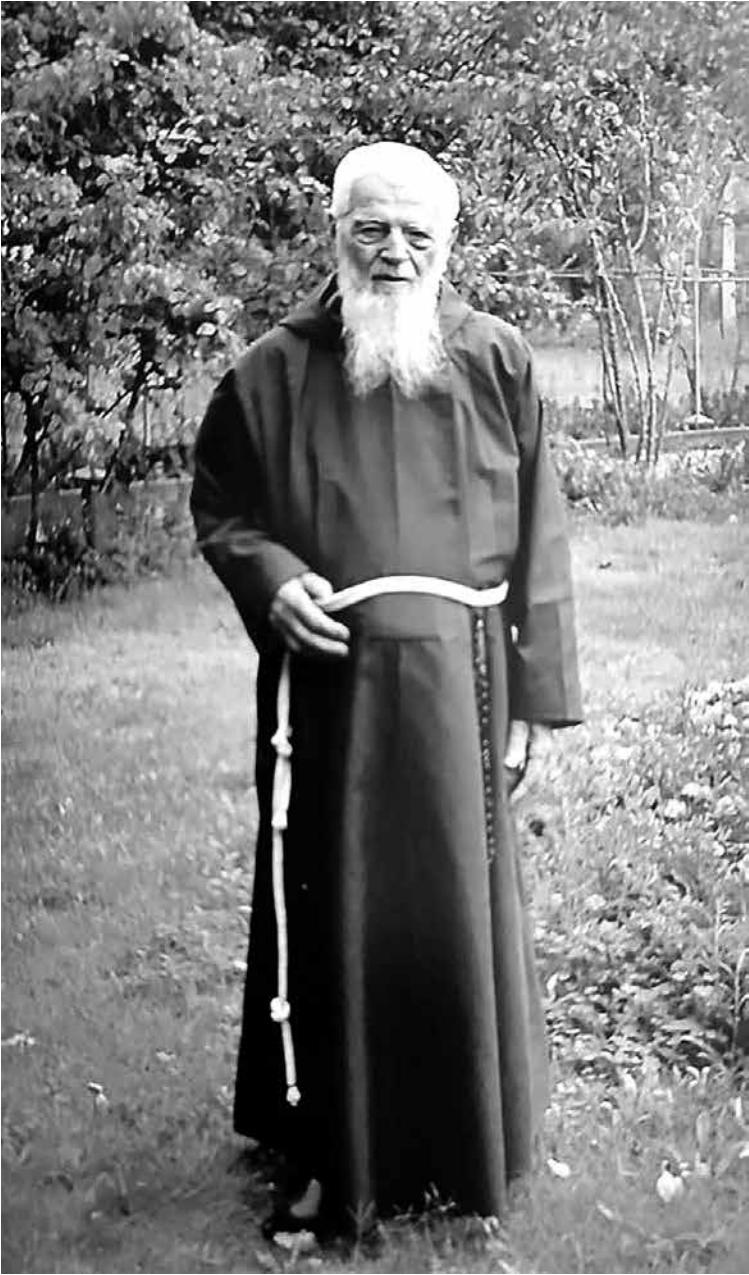
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

EDITORA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
PREFÁCIO À EDIÇÃO ITALIANA	9
CAPÍTULO I A IGREJA NO “PARAÍSO”	13
CAPÍTULO II CASA, IGREJA, CAMPO	18
CAPÍTULO III À PROCURA DE MISSIONÁRIOS	23
CAPÍTULO IV UM BREVE NOVICIADO	26
CAPÍTULO V NA TOCA DA ONÇA	29
CAPÍTULO VI A DESOBRIGA	32
CAPÍTULO VII UMA IGREJA PARA SÃO JUDAS	33
CAPÍTULO VIII A MISSA DO AMANHECER	37
CAPÍTULO IX DUAS FORMAS DE MARTÍRIO	44
CAPÍTULO X UMA SOLIDÃO PLENA	50
CAPÍTULO XI A TARDEZINHA SEM PÔR DO SOL	53
CAPÍTULO XII FAVORES CELESTIAIS	55



Frei Michelangelo Serafini

PREFÁCIO

É com imensa alegria que gostaríamos de apresentar ao leitor(a) *Frei Michelangelo Serafini: magnífico dom de Deus*. Esta obra é fruto do incansável trabalho de frei Egidio Picucci, capuchinho italiano das Marcas e jornalista e fotógrafo por vocação e profissão (a maioria das fotos que veremos aqui foram capturadas por ele mesmo). A primeira edição italiana deste volume foi publicada em 2020 pela Tau Editrice. Era um desejo do autor, inclusive manifestado a mim, que alguém traduzisse o seu livro no Brasil, terra onde frei Miguel viveu por mais de 75 anos. Assim, a publicação que agora apresentamos é também fruto da insistência e dedicação à tradução de frei Florêncio Francesco Pecorari.

Já temos uma biografia de frei Miguel muito exaustiva, rica e bem documentada escrita por frei Florêncio Francesco Pecorari, que conviveu com frei Miguel por mais ou menos 50 anos, publicada em 2014 pela Gráfica J. Andrade. Complementa aquela esta outra biografia preparada por frei Egidio Picucci que, com muita premura e esmero, nos apresenta frei Miguel por um outro ângulo de percepção. Seu olhar, diferentemente do nosso, parte da Itália para o Brasil, e isto poderá ser sentido em muitas partes do seu livro ao qual és convidado a descobrir.

Nesta tradução foi mantido aquele mesmo título da sua edição original. Nele, o autor se refere a frei Miguel como Michelangelo Serafini, o seu nome religioso em italiano junto ao seu sobrenome de família. Isso já serve como um bom indicador a respeito do itinerário que percorreremos nas próximas páginas. Isto é, seguindo com a

leitura poderemos acompanhar o laborioso trabalho, lento e em segredo, a sós com o Pai, com o qual frei Michelangelo, nascido na família Serafini, foi se transfigurando no frei Miguel, o santo de Aracaju, magnífico dom de Deus para todos que o buscaram. Este aspecto vem evidenciado pelo próprio autor quando no texto nos adverte que passará de frei Michelangelo a frei Miguel.

O livro se abre narrando interessantes particularidades da chegada dos capuchinhos à capital sergipana, lugar onde frei Miguel viveu por mais de meio século. Em seguida o autor passa a acompanhar a cronologia da vida do nosso “santo”. Primeiro, esmiuçando bem as suas origens familiares e o início da sua vocação e formação religiosa na Itália. Depois, passa à narração do drama do seu envio missionário. Continuando, o autor descreve a chegada, a adaptação e primeiros trabalhos de frei Miguel no Brasil. Por fim, se chega à fase de Aracaju onde, com muita maestria, frei Egidio nos descreve o dia a dia do santo frei, recordando episódios ainda frescos da memória dos que pessoalmente o conheceram, inclusive mostrando como nasceu e se expandiu a sua fama de santidade. Como um apêndice, nos serão oferecidos alguns depoimentos de graças e favores que fiéis atribuem à intervenção de frei Miguel.

A obra de frei Egidio não apresenta frei Miguel ao baixo preço de criar um ídolo. Seu escopo não é forjar mais uma celebridade mundana. Ao contrário, com muita propriedade frei Egidio evidenciará como frei Miguel se encontra bem ao núcleo da sequella Christi ao modo de São Francisco de Assis. Isto é, o autor nos revelará a beleza da espiritualidade franciscana do nosso “santo” e de como ele, com tanta solicitude, se consagrou integralmente ao serviço de Cristo. Além do que, aquele que percorrer as próximas páginas uma a uma, ao final se sentirá impelido a viver santamente a sua vocação cristã, ao exemplo de frei Miguel.

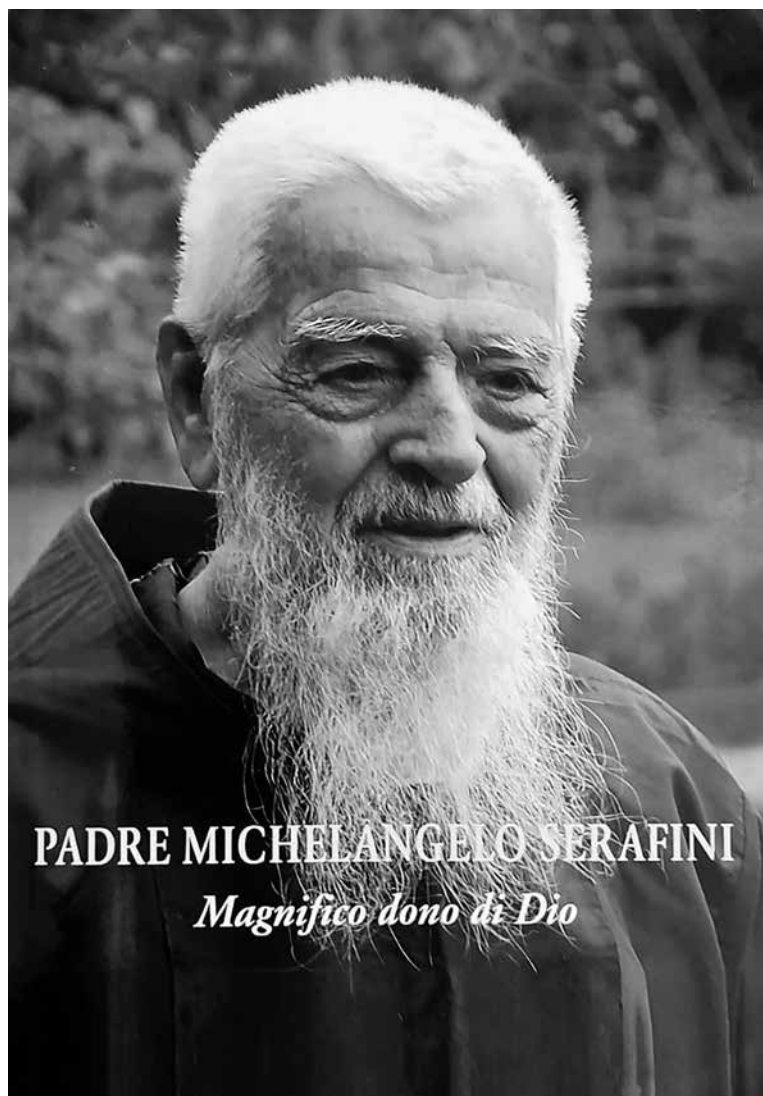
Enquanto experiente jornalista do Vaticano frei Egidio justificará o título do seu livro examinando duas categorias de fontes. Uma é aquela dos livros oficiais, tanto os documentos dos arquivos dos capuchinhos das Marcas e da Bahia quanto a Sagrada Escritura e as Fontes Franciscanas (FF). A outra fonte será o testemunho do povo a “viva voz” que falará de frei Miguel com muita espontaneidade. Por isso nos depararemos nesta obra com uma linguagem que, sem deixar de lado o criticismo jornalístico, irá do muito coloquial e simples, a fim que o autor fosse fiel aos relatos colhidos durante sua pesquisa, ao culto, erudito e poético, próprios de um escritor clássico.

Diante deste presente que frei Egidio, mesmo já tendo partido à eternidade, nos oferece pelas mãos de frei Florêncio, gostaríamos de agradecer a ambos por nos fazerem conhecer ainda mais a edificante e inspiradora história de vida de frei Michelangelo. Deus te conceda o descanso eterno, frei Egidio, lá no céu, ao lado do nosso santo de Aracaju. Deus te conserve por muitos anos entre nós, frei Florêncio, sobretudo para saborear os bons frutos das sementes lançadas na terra por frei Miguel.

Queria concluir te desejando uma boa leitura, na esperança que o aprofundamento e a meditação da história santa de frei Miguel te conduza a uma séria revisão de vida e à conversão dos costumes, até que também tu possas um dia unir-te à glória de Deus onde se encontra o nosso santo de Aracaju. Uma boa continuação, Paz e Bem!

Frei Gleizer Campinho Dias Passos, OFMCap

Vice-Postulador da Causa de Beatificação de frei Miguel



PADRE MICHELANGELO SERAFINI

Magnifico dono di Dio

PREFÁCIO À EDIÇÃO ITALIANA

“**S**e o grão de trigo, caído na terra, não morre, fica sozinho; se ao contrário morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Os santos nos mostram que existe uma vida que devemos perder para reencontrá-la, que necessita não se amar a si mesmo, deixar-se espedaçar a casca do “eu” para abrir-se a uma existência florida e frutuosa. Narrar a vida de um homem como frei Miguel de Cingoli, que viveu o Evangelho profundamente, ao ponto de ser aclamado santo da voz do povo de Aracaju, significa contemplar o lento processo de transformação da semente em fruto, o dinamismo que através das vicissitudes da existência e o fermento interior da alma conduz uma vida do fechamento ao dom fecundo de si mesmo. A santa transfiguração de uma existência não é simples, mas não é impossível. É obra da graça, certamente, mas não sem a colaboração da boa vontade do homem. O Pai chama os seus filhos a uma sinfonia sinérgica para realizar o Seu desígnio de amor. Os convida continuamente a um consentimento responsável, os faz protagonistas da Sua obra de salvação. Tem um sim a cada passo, uma disponibilidade de dar e voltar a dar sempre aos convites do Senhor, e a cada sim o involucrio se racha um pouco mais e o fruto se faz estrada. Morrer não é fácil, para fazê-lo exige toda a coragem de viver.

A longa vida de frei Michelangelo, bem 104 anos, nos é um límpido testemunho. Do início até o fim de sua existência, o frade cingolano soube interceptar as provações do Senhor escondido nas dobras dos acontecimentos ordinários, e nos momentos cruciais não temeu arriscar de aventurar nas escolhas que deram uma direção precisa à

sua vida. A santidade é correr um risco. Tem momentos que decidem uma existência, ocasiões de escolher o voo. Para o frei Michelangelo aconteceu em 1935, quando tinha 27 anos de vida e pouco tempo de ordenado sacerdote. Dois antigos missionários que retornavam do Brasil disseram a ele e a outros jovens capuchinhos das Marcas: “somos velhos, e a missão é obra dos jovens. Venham.” Então, nenhum acolheu o convite. A casca tremia, temia de partir-se. Frei Michelangelo aplaudiu como todos os outros jovens frades aos fascinantes contos dos missionários e, como todos os outros, se retirou atrás. Aquela rejeição, porém, ficou dentro por quinze dias como um bocado indigerível deixando-lhe na amargura da contradição: deixou tudo para servir o Senhor e agora que está no seu seguimento quer reter-se a si mesmo. Estranho modo de doar-se, mas o homem, sabe-se, é uma contradição vivente. Quinze dias de trabalho interior ao fim dos quais se saiu robusto: “Eu estou pronto: quando posso partir?” e embarcou pela grande travessia do oceano Atlântico vencendo cada temor.

Chegando à Bahia, onde os missionários marquetianos tinham chegado já desde 1892, quase depois de dois séculos de evangelização operada pelos capuchinhos franceses, a semente de sua vida, superado os cansaços iniciais, tomou posse incrivelmente tendo encontrado um terreno adequado para si. O Frei Miguel se imergiu no povo e do povo foi instruído, foi pai de todos e filho de cada um, acreditou com a sua gente e a fez crescer, levou Deus e foi levado como um santo. Fez de tudo: ensinamento, catecismo, pregação nos povoados, cura dos doentes, escuta do povo, construção de igrejas, escavação de pântanos para coletar água da chuva, abertura de novas estradas.

Em 1935 partiu para o Brasil, em 1960 foi enviado para Aracaju, a capital do pequeno estado de Sergipe que se tornou sua pátria. No bairro América, construiu com

suas mãos a igreja dedicada a São Judas Tadeu, e lá se tornou, por aclamação do povo, o santo de Aracaju. Celebrava a eucaristia pela manhã, depois saía para visitar os pobres, assistir os doentes, confessar nos hospitais e casas de saúde, levar esmola aos pobres, encontrar e escutar todos ao longo das estradas. Hoje, quem sobe ao belvedere dos capuchinhos e entra na igreja de São Judas Tadeu encontra à direita o sepulcro de frei Michelangelo de Cingoli e observa o amor do povo por este humilde frade capuchinho. Um constante entra e sai de pessoas recorrem a ele por meio de orações, agradecimentos, flores e fotos.

Devemos, porém, agradecer frei Egídio Piccuci pela nova fadiga editorial, completada com o costumeiro escrúpulo e pontualidade, que oferece ao leitor a figura deste santo confrade capuchinho para o qual, enquanto a sua memória é ainda fresca na mente de tantos que o conheceram, desejamos um acelerado progresso em direção à glória dos altares e um mais profundo conhecimento também na sua pátria. Faz bem conhecer a vida dos bons, convida todos a serem melhores. É o fascínio da bondade que atrai o coração e da vida de frei Michelangelo se libera uma luz atraente, a santidade, que convida cada um a progredir na direção daquela imagem de amor pensada pelo Pai do céu para os homens da Terra. Que ao ler estas páginas estimule também a ti, caro leitor, a encaminhar-te com decisão em direção à vida boa do Evangelho, na qual o homem encontra finalmente a si mesmo.

Frei Sergio Lorenzini

Min. Provincial dos Capuchinhos das Marcas (Itália)



CAPÍTULO I

A IGREJA NO “PARAÍSO”

“Querido Frei Benjamin, Superior Custódio dos capuchinhos da Bahia, estava à sua espera. Pode sentar-se”.
Dom José Vicente Távora, Arcebispo de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, depôs a caneta, ajustou o solidéu e fixou o Frei Benjamin sentado diante dele como um aluno diante do professor no dia do exame. “Penso que chegou o momento de resolver aquele probleminha do qual falávamos algum tempo atrás e que ainda não esclarecemos. Não é verdade?”.

“É verdade, Excelência: mas não se trata de um probleminha; pelo menos para nós capuchinhos. Como o senhor sabe, a nossa presença no Nordeste do País está cada vez mais aumentando graças às vocações que o bom Deus nos envia, e gostaríamos de abrir um convento também aqui em Sergipe, visto que muitas vocações provêm desta região. Entre tantas Ordens Religiosas que têm uma casa nesta terra profundamente cristã, creio que a presença dos capuchinhos seja mais do que justa, também porque os nossos velhos missionários evangelizaram em todas as direções este pequeno Estado às portas do sertão seco e ‘desumano’”.

“Exatamente, padre, presença mais do que justa. Por isso anos atrás, em 1956, se recorda bem, pedi ao senhor dois ou três religiosos para minha Diocese porque tinha uma boa paróquia para vos entregar, a paróquia de São José. Se lembra o que o senhor me respondeu?” “Certamente”, disse Frei Benjamin que já esperava aquela